

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

LIÑARES, Federico Navarrete. Federico Navarrete Liñares (depoimento, 2005). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (0h 45min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Federico Navarrete Liñares
(depoimento, 2005)**

Rio de Janeiro

2022

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Américo Oscar Freire; Helena Maria Bousquet Bomeny; Marisa Schincariol de Mello;

Técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 05/07/2005 a 05/07/2005

Duração: 0h 45min

Fita cassete: 1;

Entrevista realizada no contexto do "Projeto educativo sobre arte pré-colombiana para professores", desenvolvido pelo CPDOC e financiado pelo Centro Cultural Banco do Brasil, entre junho de 2005 e fevereiro de 2006. O principal objetivo dessas entrevistas foi refletir sobre a experiência dos arqueólogos em suas descobertas, as simbologias do universo pré-colombiano e a aproximação autorizada a essas culturas. Os principais resultados da pesquisa foram disponibilizados em: revista e CD-Rom "Por ti América: aventura arqueológica". Rio de Janeiro: CCBB Educativo, 2006; e a exposição "Por ti América, arte e culturas pré-colombianas", que ocupou o CCBB de 11 de outubro de 2005 a 29 de janeiro de 2006. A escolha do entrevistado se justificou porque, como historiador, ele pesquisa sobre tradições orais pré-hispânicas e história colonial do México.

Temas: Amazônia; Difusão cultural; Índios; México; Narrativa;

Sumário

Breve relato da área de atuação; importância da divulgação histórica; o início do trabalho como escritor, os objetivos dos livros infantis; a adaptação e contextualização das narrativas indígenas; o sacrifício e os temas de difícil abordagem; o público alvo dos livros; estratégias de escrita; como as tradições indígenas se perpetuam no México; a importância de falar sobre o contexto atual dos povos indígenas; a questão da dualidade para os povos indígenas; o equilíbrio e as mudanças nas cosmovisões; como a questão da morte é tratada pelas populações indígenas; como o calendário e o jogo de bola aparecem nos livros; comentários sobre como o Brasil e os povos indígenas brasileiros são vistos no México; a floresta amazônica.

Entrevista: 05/07/2005

H.B. – Gostaríamos que você falasse da experiência de escrever para crianças sobre esse universo da América pré-colombiana. Como você começou a fazer isso?

F.N. – Para começar, para mim, que sou historiador profissional e trabalho na Universidade Nacional do México, dou aula, faço pesquisa sobre os povos indígenas pré-colombianos e depois da colonização também, a divulgação é uma das áreas mais importantes do meu trabalho, porque eu acho que o trabalho do historiador deve ter um impacto além dos meios acadêmicos, da Acadêmia, deve ter um impacto na sociedade e ajudar os diferentes grupos sociais a conhecer melhor as culturas indígena do passado e do presente a ter uma melhor convivência com os povos indígenas atuais e com o patrimônio histórico e cultural do país, e da América em geral. Não é só o caso do México, mas todos os países americanos têm um passado indígena e têm culturas indígenas no presente.

Eu comecei a escrever livros para crianças faz uns quinze anos. Foi um dos primeiros projetos profissionais, para uma das grandes editoras do México, Fondo de Cultura Economica. Eu tinha estudado história e antropologia e eu queria fazer um trabalho histórico-antropológico, de um outro jeito, para um público diferente, que não fosse o público especializado, e também o meu alvo era dar as crianças do México, da língua espanhola, a possibilidade de ter outros elementos pra alimentar sua imaginação. Porque quando eu era criança para mim foi muito importante ler sobre a história dos gregos, a Ilíada, a Odisséia, as aventuras dos romanos, Robin Hood, tudo isso. Mas não tinha, na verdade, quando eu era criança, um material equivalente sobre as culturas indígenas da América. Não era acessível às crianças contos, lendas, mitos, dos povos indígenas da América. Então, o objetivo do meu primeiro trabalho, que é uma coletânea muito grande de mitos, contos, poesias, e descrições dos povos indígenas de todo o continente. Era precisamente fornecer às crianças materiais para alimentarem sua imaginação, para eles poderem imaginar o que quiserem, mas com um material além dos materiais disponíveis, ou mais conhecidos, provenientes da cultura ocidental. E às vezes algumas coisas do oriente, da Índia, da China, mas raramente dos povos indígenas. A primeira parte dessa coletânea foi publicada faz uns dez anos, e ela teve um grande impacto. Eu sei que os livros

são trabalhados nas escolas, e eu falando com as crianças que tem trabalhado com os livros, eu achei que para eles é importante isso precisamente, que os livros forneceram a eles novas idéias para alimentar sua imaginação. Desse jeito, acho que o mais importante do trabalho de divulgação histórica para crianças é alimentar a imaginação, é dar às crianças novos elementos para poder pensar o mundo, de um jeito diferente, para poder olhar as coisas do presente de uma maneira diferente, nova, e para poder imaginar outras formas de vida, outras formas de convivência com a natureza, de convivência social, outros valores morais e culturais. Isso é muito importante também, para ensinar-lhes sobre a convivência cultural no presente, com os povos, grupos, que são diferentes dentro da sociedade contemporânea.

M.M. – Você modifica a linguagem?

F.N. – A coletânea que eu fiz foi um projeto coletivo que envolveu muitas pessoas, mais de 20 ou 30 pesquisadores, e depois escritores. A gente fez uma adaptação do material, da linguagem e também explicação de alguns elementos que se não tivessem explicação ficariam incompreensíveis para as crianças, e também às vezes, pelo material ser longo demais, é preciso selecionar os trechos mais atrativos, interessantes. A coletânea também contém muitas descrições da vida cotidiana, da cultura material, dos costumes, que dão o contexto para melhor se entender os textos. Então, temos às vezes um texto que fala da caça na Amazônia, e depois temos um mito que fala da história de um caçador, para trabalhar os dois elementos. Mas o trabalho de adaptação é muito importante, de tradução cultural.

M.M. – E o tema do sacrifício?

F.N. – Sempre existem temas de difícil abordagem, para entendermos no presente. A gente achou que nesses temas é melhor falar diretamente e dar os elementos para entender o material, do que tentar esconder, ou às vezes mesmo tentar explicar demais, justificar. Isso na verdade é um problema geral da cultura mexicana, lá no México, o nacionalismo mexicano e a cultura moderna mexicana, tem muito orgulho do passado pré-hispânico, mas o assunto do sacrifício fica sempre muito complexo, porque você não poder ter orgulho de

uma coisa que é tão diferente dos nossos valores. Talvez a nossa cultura não tenha sacrifício, mas tem massacre, tem morte violenta de muitas outras formas.

H.B. – Talvez seja difícil racionalizarmos o sacrifício. Passar a idéia de sacrifício não como a bestialidade humana, mas como alguma coisa revestida de um sentido religioso, ritual.

Os homens continuam massacrando, e nem por isso achamos bom, mas é um dado dessa sociedade. Não seria isso.

F.N. - É difícil saber, na verdade, porque as fontes que falam do sacrifício são feitas depois da conquista pelos espanhóis, mas também você tem livros escritos pelos indígenas e eles falam de sacrifício, e se orgulham do sacrifício, porque ele tem que ver com uma questão de coragem, na guerra, de fortaleza militar, e também uma questão de devoção religiosa. Os espanhóis também achavam isso. Por exemplo, Bartolomeu de Las Casas, fala do sacrifício como uma coisa boa porque é uma amostra da devoção indígena aos seus deuses, mesmo se os deuses eram errados, do mesmo jeito a devoção era boa, e o sacrifício era amostra disso.

Num romance que eu escrevi sobre a conquista do México, é uma narração da conquista do ponto de vista de um garoto de 12, 13 anos. Ele tem 12, 13 anos durante a conquista, e escreve muito tempo depois, quando ele é velho, lembrando do que foi a guerra, e eu falo muito claramente do sacrifício. Seu irmão mais velho é um grande guerreiro, faz um sacrifício. Então ele fala como a família se orgulha do assunto, e depois ele fala que agora no cristianismo isso não se faz mais.

A.F. – Eu já vi depoimentos de americanos que se orgulham de mandar o filho para a guerra. De morrer na guerra.

F.N. – A ideologia da sociedade favorecia isso, senão não teria tido sacrifício. No México, os jovens que tem lido o livro, sempre acham essa descrição. Quando eu vou às escolas, falar sobre o livro que está sendo lido, sempre há perguntas sobre o tema. Não por uma questão mórbida, mas porque eles querem entender o que era, e o significado. Eles ficam tranquilos porque eles têm uma explicação, mesmo que não seja uma justificação.

A.F. – Qual é o público leitor dos seus livros?

F.N. – O romance, por exemplo, é para crianças de mais de 10 anos, porque é mais comprido. A coletânea tem textos para crianças de 8, 9 anos. Acho que o material cultural como esse, que tem elementos de antropologia, não é para crianças tão pequenas. Recentemente, fiz uns livros pequenos para crianças menores. Lá, a coisa é simples, você pega uma imagem... Eu fiz um livro sobre um mural da cidade de Teotihuacan, era uma explicação do mural, uma explicação bem simples. É um mural muito bonito de um jardim do paraíso, o Tlalocan, que é o paraíso do deus da chuva. Tem umas pessoas brincando, tem árvores, tem flores. É a explicação do jardim para falar um pouco de Tlaloc, o deus da chuva. O que eu tentei fazer foi relacionar isso com uma questão cotidiana. É uma menina que quer brincar no jardim, mas está chovendo, e ela não pode sair. Então, ela fica brava e aí vem a explicação para que serve a chuva. Falamos da chuva no presente para falar do passado.

Às vezes, o melhor para as crianças, é falar de uma coisa concreta, que eles possam conhecer no presente e depois levar isso para o passado e dar um contexto cultural diferente. Mas se você já estabeleceu um reconhecimento, um ponto comum do presente para o passado, para elas é mais simples depois entender melhor o passado, porque já tem uma relação mesmo emocional. Por exemplo, no romance sobre a conquista, o que os leitores de hoje gostam é que é uma história, basicamente, de um jovem que deve crescer. É uma história de amadurecimento de um jovem, no começo do romance ele é uma criança, a família é tudo, mas vem uma guerra, uma coisa terrível, e ele de vê encontrar seu próprio caminho para sobreviver a guerra. Os adultos não podem ajudar ele, então, ele sozinho deve encontrar, ele cresce, vira outra coisa, e eu acho que isso é o mais atrativo para os leitores jovens, porque eles têm uma idade em que estão tentando fazer alguma coisa. Eles podem se reconhecer no personagem.

M.M. – Como essa tradição se perpetua no México?

F.N. – Tem muitas maneiras diferentes. As tradições mais velhas foram escritas nas fontes, nos livros escritos do século XVI até hoje. Você tem tradições escritas de povos que não existem mais, ou sua cultura mudou tanto que eles não têm mais essas tradições. Mas você também tradições orais dos povos indígenas de hoje, e também muitos povos mestiços, que conservam muitas tradições e muitos mitos indígenas. Você tem histórias que reconhece nos povos mestiços de hoje, que falam espanhol. Você tem histórias e motivos, temas, que você reconhece de uma tradição muito mais antiga, muito mais velha, uma tradição pré-hispânica e também uma tradição européia. Na coletânea que eu fiz sobre os povos indígenas da América, uma das coisas que a gente decidiu, foi não retirar os elementos europeus ou ocidentais, porque no presente a cultura ocidental faz parte das culturas indígenas. Eles têm cinco séculos de convivência com os europeus, seria impossível que eles ficassem “puros”, porque a pureza não existiu nunca e não existe agora. Você pode aproveitar conto popular, lenda popular, mas também um trabalho com as fontes, a coletânea mistura tudo isso.

M.M. – As crianças podem pensar que as culturas acabaram com a chegada dos europeus, e elas se recriaram e estão vivas, mesmo depois desses cinco séculos.

F.N. – Isso é muito importante, porque particularmente no contexto cultural do México, fala-se muito mais dos povos indígenas do passado que dos povos indígenas do presente. Um objetivo de uma exposição como a sua deveria ser tentar fazer consciência sobre a situação dos povos indígenas de hoje, e suas culturas atuais.

Enquanto você estava falando, eu lembrei umas salas dos museus de Antropologia do Canadá, no oeste do país, que eles tem maravilhosas máscaras, com desenhos, e cores incríveis. Eles fazem uma sala com todas as máscaras, e depois você tem narrações míticas feitas pelos indígenas em inglês e em sua língua, e eles vão iluminando as máscaras e contando a história. Se eles falam da baleia, veio, e a máscara da baleia aparece. Depois o deus tal faz tal coisa, e a máscara do deus aparece. É maravilhoso, porque as máscaras são incríveis, tem uma força muito grande, e ouvir a voz do narrador indígena atual. Ele fala o inglês com um sotaque particular, e isso é muito interessante.

M.M. – A cosmovisão e a dualidade aparecem muito nos mitos e nas lendas pré-colombianas?

F.N. - Aparece sim. A questão da dualidade é uma das coisas que eu tento explicar muito nos livros. A dualidade era um princípio muito profundo nas culturas indígenas, porque não era só uma questão abstrata. Tinha a ver com o corpo, com a vida cotidiana, com as relações de gênero entre homens e mulheres, com uma convivência social, com a relação com a natureza. Era um princípio ordenador do cosmos, era um jeito de pensar, de agir, de compreender a realidade, de reagir frente à realidade e as coisas. Você encontra isso o tempo nos relatos, nas lendas, nos mitos, você encontra questões de relacionamento entre os homens e as mulheres, como representantes dessa dualidade. O masculino e o feminino, mas de um jeito mais complexo que homens = masculino e mulheres = feminino. Mas homens e mulheres como seres que tem os dois pólos. O homem é masculino e feminino e a mulher também. É um pouco a idéia da anima e do animus do Jung.

A saúde, por exemplo, é uma questão de equilíbrio, é o equilíbrio entre o frio (feminino) e o quente (masculino), mas se você é frio demais ou quente demais, isso é mal, porque você pode ficar doente. Manter o equilíbrio era uma questão cotidiana, da moral também, porque às vezes fazer uma coisa era bom em um contexto, mas fazê-la em outro contexto, era muito ruim. A moralidade é relativa, tem a ver com o contexto. Por exemplo, o sexo era bom em um contexto e era ruim em outros. Comer certos alimentos em um determinado contexto era bom e em outros era ruim. Você tem uma moralidade, uma forma de agir, que era muito complexa, que tem muito a ver com os contextos. Não existe uma contradição absoluta, como na nossa tradição, entre o bem e o mal, o deus e o satã. Os deuses podem ser bons e maus, dependendo da relação que você estabeleça com eles, do momento, da data do calendário, é tudo muito mais complexo. A moralidade, então, fica mais complexa. As questões da vida, a busca da boa vida é diferente, porque era a questão do equilíbrio, não tentar afastar um pólo para ficar somente em outro pólo, mas tentar mexer os dois pólos, um equilíbrio dinâmico, que está sempre mudando. E isso tem a ver com uma cosmovisão. Eu acharia que a característica mais surpreendente da cosmovisão mesoamericana, e dos Andes também, ainda que lá haja muita diferença, também dos povos indígenas da Amazônia, é a mudança. São cosmovisões muito dinâmicas, onde a

mudança faz parte da realidade, nenhuma coisa é fixa, nada dura para sempre, tudo começou em uma ocasião e deve terminar em uma ocasião. O mundo, por exemplo, foi criado 4 ou 5 vezes, e você encontra isso em toda a América. Você sempre tem muitas criações. Também os povos amazônicos falam de uma criação anterior e os homens dessa criação anterior moravam no inferno, debaixo da nossa terra. Inframundo é o termo antropológico para falar do inferno sem as conotações cristãs da palavra inferno. Inferno não é mal, é a casa dos mortos, mas os mortos são a fonte da vida. Morte e vida não são contraditórias, fazem parte de um ciclo. O mundo sob a terra, porque o problema do inferno é que você pensa imediatamente em punição, diabo, tormentos, uma visão muito negativa do termo. Tem muitos mundos dos mortos. Tem mundos dos mortos em que eles sofrem muito, são punidos.

Eu me lembro de uma frase maravilhosa de um dos maiores antropólogos, historiadores do México pré-hispânico, que é Alfredo Lopez Austin, numa palestra que ele deu, que dentro da religião cristã, a vida é a preparação para se ter uma boa morte e para ter um bom destino depois da morte. Para os povos indígenas, a morte é resultado de uma vida boa. Se você teve uma vida boa, em que conseguiu manter o equilíbrio entre os pólos e teve um comportamento moral de acordo com as normas da sociedade, você vai ter uma boa morte, mas isso é só um complemento, o que é importante é manter o equilíbrio durante a vida.

H.B. – A morte é uma seqüência natural da boa vida.

A.F.- Como você trabalhou o calendário com as crianças?

F.N. - Isso é uma das coisas mais complexas, porque o calendário é muito complexo.

Na coletânea eu fiz uma sessão sobre o calendário, e explicava muito simplesmente os princípios fundamentais e falava dos signos.

No México, você tem um calendário adivinhatório, um calendário dos destinos, que tem 20 símbolos diferentes, que são animais, que determinam como será a vida conforme o dia em que nasce. Tentar explicar a questão do calendário, como dos ciclos, dos tempos. Tem um ciclo de 260 dias e um ciclo de 365 dias, que se juntam a cada 52 anos.

A.F. – E o jogo de bola?

F.N. – Muito recentemente escrevi um livro sobre o jogo de bola.

Na verdade, ninguém conhece muito bem as regras, porque temos descrições do século XVI, mas são muito vagas, não são muito precisas. Os campos são muito diferentes nas diferentes épocas.

Eu conto a história de um menino que gostava muito do futebol, e uma vez ele quebra o pé, e não pode jogar mais. Ele fica muito chateado, na cama, e seu pai lhe dá um presente, uma pelota de borracha. Então, ele começa a sonhar que vê um jogo de pelota com os deuses, e assim eu insiro a lenda do Popol Vuh, que fala dos irmãos Ixbalanqué e , que jogaram bola contra os deuses da morte. Ele sonha com isso, e seu pai explica as regras do jogo. Ele se envolve com o jogo dos deuses, mas só sonhando, e o pai explica as regras. A parte mais emotiva é o menino sonhando isso, fazendo parte do jogo, e depois as explicações mais antropológicas, do pai. Eu achei que isso poderia ser uma maneira de combinar as duas coisas.

Os gêmeos Ixbalanqué e são deuses, mas são os primeiros homens. A fronteira entre homens e deuses não era tão forte, tão definida como a nossa tradição.

H.B. – Como o Brasil é visto no México?

F.N. – Os mexicanos em geral não fazem uma relação entre o Brasil e a questão indígena. Pensamos na tradição afro-americana.

Eu acho que o Brasil não tem monumentos, não tem pirâmides, os grandes templos, mas a floresta amazônica, que é uma floresta antropogênica, é o grande monumento das culturas indígenas do Brasil. O jeito de elas se adaptarem a essa ecologia que é tão difícil e tão complexa, ao longo dos milhares de anos que eles ficaram lá. E o jeito que eles transformam a floresta, a questão das terras, da distribuição das espécies, da biodiversidade, que acrescida pelos próprios indígenas, nas suas lógicas de intercâmbio de

espécies entre as culturas. A floresta amazônica pode ser apresentada como uma produção cultural, como um grande monumento.

* Trecho gravado em vídeo.

H.B. - O que vocês acham do Brasil pré-colombiano no México, do ponto de vista da monumentalidade?

F.N. – Às vezes os brasileiros acham que os seus povos indígenas não têm monumentos, não tem criações culturais tão impressionantes como as que existem no México, no Peru e em outros países da América Latina. Se você começa a ler a arqueologia e a antropologia da Amazônia, o que é muito interessante é encontrar que a mesma floresta Amazônica que existe até hoje pode ser vista como uma das grandes criações dos povos indígenas brasileiros. Ela foi modificada pelos homens e pelas mulheres que moravam e ainda moram lá até hoje e que tem acrescentando à diversidade biológica, melhorado as terras e as condições para a agricultura. Desse jeito, você pode pensar que a floresta mesma é uma grande criação cultural e é o maior monumento dos povos indígenas brasileiros, é um monumento cultural que é ao mesmo um monumento natural. E é uma obra que é viva e que muda constantemente como mudam os povos que moram na floresta. Eu acho que o patrimônio cultural do Brasil é inseparável do seu patrimônio natural, e eles também são inseparáveis das culturas indígenas que ajudaram a produzir um dos mais impressionantes e mais ricos ecossistemas do mundo.

[FIM DO DEPOIMENTO]